

Ricardo Tacuchian (1939): trajetória, obra e situação na música brasileira

Iracele Vera Lívero

Unicamp/CIDDIC –Pesquisadora colaboradora
iracele.livero@gmail.com

Música Contemporânea Brasileira, Ricardo Tacuchian, 2014, artigo, apresentação, palestra.

1. Trajetória

Ricardo Tacuchian vem à luz no final dos anos 1930, de grande transformação no mundo e no Brasil. Carioca e filho de imigrantes armênios, graduou-se em piano em 1961, pela então Universidade do Brasil e em composição e regência pela depois e até hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Foi aluno de composição de três das mais importantes e históricas figuras da Música Brasileira: José Siqueira (1907-1985), Francisco Mignone (1898-1986) e Cláudio Santoro (1919-1989). Em 1990 doutorou-se em composição pela University of Southern Califórnia.

Personalidade multifacetada, tornou-se referência nacional como músico, exercendo a regência, o ensino, a atividade de animação cultural e, naturalmente, a composição, seu caminho de vida e de expressão.

Já nos anos 1960, enquanto universitário, funda, dirige e atua na Orquestra Filarmônica Estudantil e na Orquestra de Câmara Antonio Vivaldi, bem como no Coral Universitário. Também desse tempo, já ensejando o pesquisador e conferencista futuro, funda o Centro de Estudos de Música Brasileira.

Começou bem cedo a carreira de regente, tendo dirigido desde então significativas orquestras no Brasil (Orquestra da Universidade de São Paulo, OSUSP; Orquestra Sinfônica da Universidade Federal da Bahia; Orquestra Sinfônica Nacional; Orquestra de Câmara da Radio MEC; Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, OSESP), tendo sido regente titular, entre 2002 e 2004, da Orquestra da UNIRIO. Regeu orquestras internacionais, entre elas a USC Community Orchestra, de Los Angeles e a Orquestra Sinfônica Artave, do Porto.

Sua carreira como professor também iniciou cedo. Tornou-se professor titular de História da Música na Universidade Federal do Rio de Janeiro, entre 1993 e 1995; e titular de composição na UNIRIO, de 1995 a 2009. Durante o ano de 1998 também lecionou como professor visitante na State University of New York at Albany.

Em Lisboa passou o período de 2002 a 2003 como professor visitante na Universidade Nova de Lisboa.

Durante essa importante trajetória universitária de 44 anos, sua contribuição inestimável constitui-se de 100 publicações editoriais em artigos para revistas, congressos e encontros, 23 dissertações de mestrado e 6 teses de doutorado orientadas, inumeráveis orientações de iniciação científica, além de participar como membro de corpos editoriais e consultoria *ad hoc* de revistas e instituições no Brasil e no exterior.

Em 1978 já criara o Panorama da Música Brasileira Atual, que continua ativo até os dias de hoje e o Ensemble Ars Contemporânea, do qual foi o primeiro regente. Foi coordenador de duas Bienais de Música Contemporânea, instituídas pela FUNARJ e membro do conselho curador e da programação do Theatro Municipal do Rio de Janeiro (entre 2001-2002), onde coordenou a série Música Brasileira do Século Passado. Atualmente Tacuchian é membro do Conselho Consultivo da Fundação Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo.

2. Obra

Tacuchian tem um catálogo com mais de 250 obras, das quais já se encontram gravadas 73 em várias publicações em CD, sendo 5 destes somente dedicados a obras suas. São peças sinfônicas, diversas cantatas, ciclos de canções, peças para piano e câmara em diversificadas formações, coro e solistas vários.

Há sempre a possibilidade, muito freqüentada pelos musicólogos, de se dividir a obra de um compositor em fases, para maior precisão de entendimento. Mesmo que se saiba que isso não contempla desenvolvimento integral do pensamento composicional e que, muitas vezes, aquilo que se pode observar numa “fase” pode estar eventualmente sendo observado noutra, mesmo assim podemos dividir a produção de Tacuchian em momentos que encontram alguma ressonância até mesmo no pensamento do compositor. Nas palavras do próprio compositor –“são apenas referencias, não separação rígidas.”

O primeiro momento é o nacionalista/neoclássico, aproximadamente ocupando a década de 1960. Destaca-se principalmente IMAGEM CARIOCA, para orquestra de cordas sinfônica. De um modo geral, os anos 60 foram o início da carreira, das primeiras tentativas como compositor. Obras como Sonatinas para violoncelo e piano

COMUNICAÇÃO ORAL
I Festival de Música Contemporânea Brasileira
2014

(1960) e Quarteto de Cordas n. 1 (1963). Obras convencionais, tonais/modais em estrutura clássica. Do ponto de vista do conteúdo são nacionalistas.

Na década de 1970 predomina, num segundo momento, a vanguarda e o experimental. Datam deste momento os estudos com Claudio Santoro, encontro que se fez necessário para dar respaldo às suas idéias mais avançadas em termos de pensamento musical. Esse momento, como diz o próprio compositor, é de preservação de um certo equilíbrio entre experimentalismo e emoção. São fundamentais nesse momento as 8 peças da série ESTRUTURAS, para várias formações camerísticas e para orquestra.

Na década de 1980, se afasta dessa fase e entra numa espécie de síntese. O pós-moderno domina, havendo a intenção de coligar texturas, timbres, dinâmicas e rítmicas e alturas, com expressão mais lírica. As temáticas voltam-se para o urbano como preocupação sonora e expressiva, como são NÚCLEOS para pequena orquestra e, principalmente, o noneto RIO/LA, principal representante do momento. Esta última obra emprega o baixo elétrico, a cuíca e o agogô, elementos de jazz, samba e *pop music* interligados numa estrutura em permanente transformação dentro de técnicas composicionais contemporâneas, no dizer do próprio compositor.

Um momento diferenciado, na década de 1990, acontece pelo uso de um novo sistema de composição, o sistema-T, que será base de sua tese de doutoramento. O sistema-T é uma técnica ou ferramenta de controle de alturas e toda sua produção nesse momento passa a ser composta usando este sistema. Destacam-se as obras GIGABYTE para 14 sopros e piano *obbligato*; TERRA ABERTA, para soprano e orquestra; e TOCCATA URBANA, para quarteto de madeiras, piano e quinteto de cordas.

A partir dos anos 2000, Tacuchian trilha um segundo momento pós-moderno, onde frequenta a si mesmo em diversos outros momentos anteriores, fazendo deste a síntese de mais de 50 anos de composição. As obras para violão são importantes nesta fase (série RIO DE JANEIRO, Concerto para violão e orquestra).

Suas últimas produções incluem: para orquestra LE TOMBEAU DE ALEIJADINHO (2011) e PINTURA RUPESTRE (2012); SINFONIA DAS FLORESTAS, para soprano e orquestra (2012); TRIO DAS ÁGUAS para clarinete, viola e piano (2012); LÍRICAS para voz e violão (2012); TRES CANTICOS PARA A QUARESMA, para coro misto a capella (2011).

3. Situação na Música Brasileira

Partindo de um inevitável nacionalismo com o apoio necessário de um neoclassicismo pós-tonal, Tacuchian avança desde logo, com firmeza e excelente *métier*, em direção à vanguarda e o experimentalismo, que suplanta já a partir da década de 1990 com o seu Sistema-T.

Ingressando no pósmodernismo musical, Tacuchian, já num texto dos muitos que produziu, sobre essa tendência do século XX analisa os parâmetros possíveis para tal manifestação e neles, vivencialmente, se enquadra:

- superação da polaridade nacional/universal (já na década de 1970 com a produção da série ESTRUTURAS, mostra este aspecto), como também a
- superação da polaridade tradição/renovação;
- transformação das estéticas composicionais do século XX em técnicas composicionais (vê-se claramente no seu posicionamento textural, tímbrico, dinâmico, rítmico da década de 1980, bem como a preocupação urbana, circunstancial da vivência da música);
- superposição original de diferentes técnicas composicionais (o que se percebe, cada vez mais, a partir do fim da década de 1980 e da de 1990, quando o sistema-T tem vigência e modifica a visão de mundo do processo);
- maior rigor da excelência profissional e acadêmica do compositor (como se vê na carreira do compositor e professor universitário, bem como regente e animador cultural no meio acadêmico, além da intersecção de articulista e compositor na mesma medida);
- retorno da supremacia do som e do silêncio e
- adoção de novas técnicas minimalistas, eletroacústicas, etc., sem desprezar as técnicas tradicionais (a volta à expressão sem o pudor do rigor técnico/tecnológico, das vanguardas ultraístas e delimitadoras, bem como o uso, se necessário da emoção da sonoridade);
- alternância de parâmetros texturais, tímbricos, dinâmicos, espaciais e
- alternância de expressão lírica com forte impulso rítmico (o pensamento profundo das raízes regionais, quando não “nacionais”, confluindo na globalização das vivências metropolitanas);
- simplicidade sem populismo;

COMUNICAÇÃO ORAL
I Festival de Música Contemporânea Brasileira
2014

- expressão cosmopolita e urbana do mundo;
- síntese estética conciliada com a individualidade criativa do compositor (demonstrando claramente o compromisso que o compositor contemporâneo assume com a música de criação, de uso, de transformação e de redenção do mundo em que vive).

Essas importantes posições exaradas por Tacuchian mostram as diversas facetas de sofisticação elaborativa e expressiva desse compositor, que diz que “ a música pós-moderna é um novo humanismo alicerçado na ciência”, bem como “não se trata de uma arte revolucionária, mas o resultado da nova sociedade pós-industrial”. Um compositor que não nega nem abole o mundo em que vive, com suas vicissitudes e complicações, com suas maravilhas e horrores, mas acredita que “a verdadeira revolução só será feita pelo homem com ajuda da tecnologia. A arte, porém, poderá ser uma grande aliada”.

Tacuchian transita num “continuum”, como ele mesmo afirma. Dependendo do momento, para o lado conservador ou em outro para o lado mais moderno.